

ESTRATÉGIAS

Goldemberg é o presidente da FAPESP

O físico José Goldemberg foi nomeado presidente da FAPESP pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, no dia 22 de agosto. Professor da Universidade de São Paulo (USP), Goldemberg, de 87 anos, encabeçou a lista tríplice definida pelo Conselho Superior da Fundação e encaminhada ao governador em 12 de agosto, da qual também fizeram parte os conselheiros José de Souza Martins e Eduardo Moacyr Krieger. Especialista em física nuclear e em energia, Goldemberg presidiu a Sociedade Brasileira de Física (1975-1979), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1979-1981) e a Companhia Energética de São Paulo (1983-1986). Foi reitor da USP (1986-1989) e, no governo federal, secretário do Meio Ambiente e de Ciência e Tecnologia e ministro da Educação, entre 1990 e 1992. Ocupou, ainda, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (2003-2007). Em 2008, a Asahi Glass

Foundation, do Japão, laureou Goldemberg com seu prêmio Planeta Azul, por "ter dado grandes contribuições na formulação e implementação de diversas políticas associadas a melhoras no uso e na conservação de energia", com destaque para um conceito formulado por ele segundo o qual, para se desenvolver, os países pobres não precisam repetir paradigmas tecnológicos trilhados no passado pelos ricos. Seus trabalhos sobre a sustentabilidade do etanol brasileiro renderam-lhe reconhecimento. Em 2007, a revista *Time* incluiu seu nome numa lista de "heróis do meio ambiente" e, em 2013, recebeu nos Emirados Árabes o prêmio Zayed de Energia do Futuro. Recentemente, foi agraciado com o Prêmio da Fundação Conrado Wessel, categoria Ciência. Goldemberg substituiu Celso Lafer, que presidiu a FAPESP por oito anos, cujo mandato no Conselho Superior da Fundação se encerrou em 7 de setembro.



José Goldemberg: primeiro nome em lista tríplice encaminhada ao governador

Um ministério para a ciência

Estão adiantados os planos para criar um ministério de ciência e tecnologia no Chile. Uma comissão criada em janeiro pela presidente Michelle Bachelet apresentou um relatório, intitulado "Um sonho compartilhado para o futuro do Chile", que propõe ações para o desenvolvimento do país até 2030. Entre eles, sugere-se a criação de uma "arquitetura institucional" em ciência, tecnologia e inovação capaz de orientar a execução das prioridades nacionais nessa área. Segundo Michelle Bachelet, as recomendações do relatório terão desdobramentos em breve. "Nós queremos cumprir o compromisso de criar um ministério para a ciência e a tecnologia. Vamos estudar as alternativas propostas e tomar as decisões certas", afirmou a presidente, de acordo com o *site* da Times Higher Education. Ela classificou as sugestões do relatório como "sólidas", mas afirmou que a criação do ministério só será definida após uma discussão com setores da sociedade envolvidos.

Torre gigante na floresta

Foi inaugurado no dia 22 de agosto o Observatório de Torre Alta da Amazônia (Atto, na sigla em inglês), estrutura para pesquisa científica de 325 metros de altura instalada na Reserva do Uatumã, entre as cidades de São Sebastião do Uatumã e Itapiranga, no Amazonas. Equipada com sensores e radares em diferentes alturas, vai coletar dados sobre gases de efeito estufa, partículas de aerossóis, propriedades de nuvens e transporte de massas de ar, entre outros. As informações serão transmitidas para os

laboratórios do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e dos institutos Max Planck de Química e Biogeoquímica, da Alemanha, parceiros do projeto. Mais alto que a torre Eiffel, em Paris, o observatório custou € 8,4 milhões e é ligado ao programa Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA). A intenção é criar um banco de dados, capaz de municiar pesquisas e modelos climáticos. "Os resultados da medição estarão disponíveis para os formuladores de políticas desenvolverem

regulações sobre política de ambiente e metas climáticas globais", disse ao *site* do Inpa o vice-presidente da Sociedade Max Planck, Ferdi Schüth.

Observatório de Torre Alta da Amazônia: dados sobre a floresta intocada



Novos rumos na Antártida

Um relatório das Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina dos Estados Unidos propôs mudanças na estratégia científica do país na Antártida, que envolve uma comunidade de 450 pesquisadores. O estudo foi encomendado pela National Science Foundation (NSF), que investe US\$ 70 milhões por ano em projetos de pesquisa e US\$ 255 milhões em infraestrutura e logística no continente gelado. Em linhas gerais, sugere a manutenção da linha de pesquisa que atende à demanda espontânea dos pesquisadores. Mas advoga a criação de três novas linhas para induzir estudos em mudanças climáticas, com ênfase na perda da massa de gelo; em genômica, a fim de ampliar o conhecimento sobre as espécies da região; e no estudo de raios cósmicos, por meio de experimentos que vêm

sendo realizados no polo Sul e nos Andes. Os temas foram selecionados por sua relevância científica e também pelo possível impacto social e a capacidade de atrair parceiros, entre os quais agências e instituições internacionais, disse à revista *Nature* a glaciologista Robin Bell, pesquisadora da Universidade Colúmbia e uma das responsáveis pelo documento. Em tempos de orçamentos enxutos, projetos muito dispendiosos foram desaconselhados, tais como a segunda geração do IceCube, rede de detectores subterrâneos instalados perto do polo Sul voltada para observação de neutrinos, partículas produzidas em explosões estelares. Segundo o relatório, os gastos em logística de um novo IceCube poderiam inviabilizar o apoio a outros projetos importantes.



Voz da ciência nas secretarias

O governo do estado de São Paulo vai introduzir na estrutura de suas secretarias a figura do cientista-chefe, responsável por fornecer dados e conselhos baseados no conhecimento científico. O anúncio foi feito pelo vice-governador Márcio França, na abertura do Fórum do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), sediado na FAPESP nos dias 27 e 28 de agosto. A proposta, segundo França, que

também é secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, é fruto de uma visita feita por ele à FAPESP em março. Na ocasião o presidente da Fundação, Celso Lafer, lembrou a experiência de países como Reino Unido e Israel, cujos governos têm essa função em seus organogramas, e do Departamento de Estado norte-americano. "É preciso estabelecer a parceria entre a pesquisa e a política", disse França. A proposta, afirmou o vice-governador, está sendo detalhada em conjunto com a FAPESP. "A intenção é levar a ciência a contribuir para o governo", disse à Agência FAPESP o diretor científico da Fundação, Carlos Henrique de Brito Cruz. "Durante tanto tempo se falou em interação entre a universidade e a empresa. A interação da universidade com o governo é igualmente meritória. A ciência e os cientistas podem ajudar a empresa e o governo a serem melhores."

▲ Pesquisador da Universidade de Rochester mede testemunho de gelo do glacial Taylor

